



## **VIOLÊNCIA DE GÊNERO E VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER: UMA DISCUSSÃO PARA ALÉM DAS POLÍTICAS**

Edileusa da Silva<sup>1</sup>

### *1 - Violência na sociedade contemporânea*

A violência é um tema que vem ganhando visibilidade na sociedade contemporânea por sua expansão e pela facilidade de comunicação existente hoje. A mídia expõe a violência urbana, os ataques terroristas, que provocam comoção mundial, levam governos e Estados a discutirem e criarem propostas para coibirem estes atos contra os direitos humanos e desencadeiam guerras contra países considerados perigosos para a paz mundial e gerando mais violência ainda. No entanto, a discussão centra-se no ato violento e não se volta para o cerne da questão; não se debate o que desencadeou essas ações. A sociedade não aceita essa violência explícita, no entanto, não se posiciona de forma efetiva frente a outros tipos de violência como: a fome, a falta de atendimentos de saúde dignos para todos, a situação de crianças e adolescentes capturados pelo tráfico, a falta de moradia, dentre as mais diversas manifestações da questão social.

Toda violência é formada por ações capazes de impor a perspectiva do violentador sobre o violentado. Materializa-se contando com indivíduos, grupos, classes ou segmento de classe (considerando os interesses sociais envolvidos, supondo necessariamente, em seu processo de objetivação, determinações sócio-históricas.<sup>2</sup>

De acordo com Ianni<sup>3</sup>, “A violência está presente e evidente, escondida e latente, em muitos lugares, nos mais diversos setores da vida social, envolvendo indivíduos e coletividades, objetividades e subjetividades.”

Violência escondida e latente demonstrada pelo autor, muitas vezes, se mostra de forma a não deixar dúvidas, mas em outras ela não aparece, é silenciosa, mas está sendo infligida na vida das pessoas.

Neste trabalho, a violência será abordada com um recorte específico – a violência contra a mulher. Nele não será debatida à violência generalizada que atinge indistintamente qualquer ser humano em sociedade e da qual a mulher também é vítima. Não trata das loucuras do trânsito ou

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Faculdade de História Direito e Serviço Social - UNESP Campus de Franca. Coordenadora e Docente do Curso de Serviço Social do Instituto Municipal de Ensino Superior de Bebedouro Victório Cardassi – IMESB. Assistente Social da Prefeitura Municipal de Franca. Membro do Grupo QUAVISS. E-mail: edileusa62@terra.com.br

<sup>2</sup> SILVA, J. F. S. O recrudescimento da violência nos espaços urbanos: desafios para o Serviço Social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 89, mar. 2007 p. 130-154.

<sup>3</sup> IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



dos assaltos a mão armada. Referir-se-á, especificamente, à opressão que se abate sobre a mulher, justamente por ser mulher, e que de forma alguma atinge o homem, pois é causada por ele. Muitas mulheres têm vivido e conhecido a experiência da violência exercida pelos homens, cujas seqüelas são difíceis de sanar. Ela está tão arraigada e tão disseminada em nossa sociedade que parece fazer parte inquestionável da nossa cultura. Porém, a cultura é construída socialmente e, portanto, passível de mudança.

Faz-se necessário buscar o porquê dessa situação em pleno século XXI, no qual se destacam inúmeros órgãos de defesa: as delegacias de mulheres criadas para atender exatamente esse público; a Lei Maria da Penha elaborada e promulgada para que haja maior rigor nos casos de violência, bem como na perspectiva de oferecer maior proteção às mulheres. Neste contexto, o que leva pessoas que vivenciam essas situações a não tomarem atitudes para as reverterem e darem um novo sentido às suas vidas? Entende-se que os fatores que as condicionam nesses casos são inúmeros, mas talvez um dos maiores entraves seja a construção social dos papéis atribuídos a homens e mulheres e que permeiam as relações, deixando as mulheres numa posição de desigualdade que vem se perpetuando há séculos.

Mas as mulheres não ficaram sem buscar saída para estas e outras situações e, em inúmeras lutas, buscaram soluções para uma maior igualdade entre homens e mulheres.

Surgem as questões: A quem interessa essa desigualdade entre homens e mulheres? A quem pode interessar que as mulheres em pleno século XXI, mesmo tendo ocupado cargos de destaque no mundo do trabalho, ainda se sujeitem a ter menores salários em comparação com os homens dos mesmos cargos? Dentro da lógica capitalista, vale ressaltar que muitos cargos são criados, estrategicamente, a partir da construção social de que as mulheres são delicadas, frágeis, cuidadosas, cuidadoras, podendo ter salários inferiores, pois os mesmos significam somente uma contribuição, uma ajuda, ficando a total responsabilidade da manutenção da família para o homem. Mas ao homem também são cobradas responsabilidades e atitudes que desencadeiam violência e sofrimento, tais como: homem deve ser forte, não pode chorar, precisa sustentar a família, embora essa última cobrança tenha se minimizado em decorrência das mulheres estarem assumindo responsabilidades que antes eram da alçada masculina.

## *2 Violência nas relações de gênero*

A violência presente na sociedade permeia as relações sociais, atinge as pessoas em todas as classes sociais e dentre as suas relações destacam-se as de gênero, objeto deste estudo.



É um fenômeno histórico, no sentido de que se constitui no curso dos modos de organização social e técnica do trabalho e da produção, das formas de sociabilidade e dos jogos de forças sociais. Pode atingir um indivíduo isolado ou uma coletividade inteira, selecionar uns e esquecer outro<sup>4</sup>.

De acordo com Scott,<sup>5</sup> o termo gênero foi tomado emprestado da gramática, pelas feministas anglo-saxãs, referindo-se à organização social da relação entre os sexos, dando uma concepção de que as diferenças entre homens e mulheres não reside apenas nas diferenças biológicas, mas nas relações e nas definições de papéis construídos socialmente.

A noção de gênero vem, muitas vezes, sendo confundida com a idéia de sexo feminino, quando na realidade surgiu exatamente para destacar essa distinção. Enquanto sexo indica uma diferença anatômica inscrita no corpo, gênero indica a construção social, material e simbólica, a partir desta diferença, que transforma crianças em homens e mulheres, em cada época e lugar de distintas maneiras. Simone de Beauvoir<sup>6</sup> já dizia, desde os anos 50, que não se nasce mulher, torna-se mulher. Mas nos anos de 1980 e 1990 é que vai ocorrer a ampliação desse termo e diversas áreas do conhecimento vão se ocupar de estudar, pesquisar e debater as questões relacionadas a gênero.

Historicamente, as mulheres vivem em situações que permeiam desigualdades. Desde 1800 as mulheres têm questionado as relações sociais hierárquicas entre homens e mulheres e a busca da igualdade entre os gêneros não é tarefa fácil. Questionar e redesenhar essas relações sociais, construídas historicamente, exige uma reflexão constante.

As desigualdades sociais, econômicas e políticas estruturais entre homens e mulheres, a diferenciação rígida de papéis, as noções de virilidade ligadas ao domínio e à honra masculina, comuns a essas sociedades e culturas, são fatores da violência de gênero. Seu impacto não se observa somente no âmbito individual, mas implicam perdas para o bem-estar, a segurança da comunidade e os direitos humanos.<sup>7</sup>

Para Araújo e Mattioli,<sup>8</sup> “A ideologia de gênero que legitima a dominação masculina é um fator preponderante na perpetuação da violência praticada pelos homens contra as mulheres.”

A violência de gênero se constitui em um grave problema na sociedade brasileira e atinge grande número de mulheres de todas as classes sociais, níveis de escolaridade e faixas etárias. Porém, as mulheres das classes sociais empobrecidas acabam ficando numa situação de maior exposição tendo em vista as dificuldades financeiras pertinentes a sua classe e por não contarem, na

---

<sup>4</sup> Idem p. 2

<sup>5</sup> SCOTT J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 16, 1990, p. 5-22.

<sup>6</sup> BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

<sup>7</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**: norma técnica. 2. ed. atual. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

<sup>8</sup> ARAUJO, M. F.; MATTIOLI, O. C. (Orgs.). **Gênero e violência**. São Paulo: EDUNESP, Arte e Ciência, 2004.



maioria das vezes, com uma rede de proteção social de amigos e parentes, que poderia auxiliá-las no enfrentamento dessa realidade imposta cotidianamente.

Alguns autores reforçam a violência de gênero como inerente a todas as classes sociais, conforme Saffioti e Vargas. Concorde-se com as autoras, mas reitera-se também que as formas de enfrentamento são diferentes para as mulheres das classes sociais mais abastadas.

Indicam o caráter endêmico da violência de gênero. Mais do que isto, o fenômeno desconhece qualquer fronteira: de classes sociais, de tipos de cultura, de grau de desenvolvimento econômico, podendo ocorrer em qualquer lugar – no público como no privado – e ser praticado em qualquer etapa da vida das mulheres e por parte de estranhos ou parentes/conhecidos, especialmente destes últimos.<sup>9</sup>

A violência de gênero sempre existiu, antes vista como normal era reforçada e até incentivada como algo natural. A mulher sofria e não podia falar, não tinha com quem comentar além de aceitar, passivamente, a violência como sina. Com o passar do tempo, porém, as mulheres começaram a perceber que recebiam um tratamento desigual: não decidiam com quem casar, não podiam estudar nem trabalhar ou votar, e tantos outros direitos que lhes eram negados. Nos fins do século XVIII, elas começaram a se organizar, a formar pequenos grupos de discussão sobre suas questões, sempre tendo à frente mulheres que possuíam preceptoras em casa ou que os pais mandavam estudar no exterior. Começaram a ser editados jornais feitos por mulheres, desvendando gradativamente a vida e a situação diferenciada e inferiorizada em que viviam.

As mulheres têm buscado soluções para essas questões e é fato que elas têm tido maior acesso à educação e ao trabalho, participam da política embora de forma incipiente, ainda como minoria nos cargos políticos. Em relação à expectativa de vida, as mulheres têm superado os homens, mas adoecem mais do que eles, “A vulnerabilidade feminina frente a certas doenças e causas de morte está mais relacionada com a situação de discriminação na sociedade do que com fatores biológicos”<sup>10</sup>. Portanto, a saúde das mulheres se agrava por conta da discriminação a que estão expostas nesta sociedade.

### *3 O Serviço Social no enfrentamento da violência nas relações de gênero*

O Serviço Social possui papel preponderante no enfrentamento dessas situações, haja vista que a violência em todas as suas formas e a opressão, dentre outras, são entendidas pela profissão como refração da questão social, portanto área de estudo e de atuação dos assistentes sociais que, de

<sup>9</sup> SAFFIOTI, H. I. B.; VARGAS, M. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

<sup>10</sup> BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).



acordo com seu projeto ético-político e código de ética de 1993, assumiram compromissos importantes no enfrentamento dessas questões. Ressalta-se que os assistentes sociais podem e devem trabalhar essas questões, mas não como únicos, faz-se necessário envolver outras profissões, bem como a sociedade civil e o Estado.

De acordo com a professora Martinelli, em palestra proferida, os assistentes sociais são os profissionais que chegam mais próximos na vida cotidiana das pessoas, adentram suas intimidades, e ressalta que são poucas as profissões que conseguem estabelecer essas relações como o serviço social. “É, portanto, uma profissão que nos dá a dimensão de realidade muito grande e que nos abre a possibilidade de construir e reconstruir identidades – a profissão e a nossa – em um movimento contínuo” (informação verbal<sup>11</sup>).

Os assistentes sociais, enquanto profissionais, possuem referencial teórico-metodológico que os instrumentaliza para intervenção nas atividades que desenvolvem nos seus locais de trabalho, fórum privilegiado para o debate acerca do tema ora apresentado neste artigo.

O Código de Ética de 1993 preconiza, nos Princípios Fundamentais, o compromisso dos assistentes sociais em se pautarem na defesa intransigente dos seus usuários dentre os quais se destaca a “Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação exploração de classe, etnia e gênero”<sup>12</sup>.

### *Considerações finais*

Na atualidade, pode-se afirmar que a mulher tem papel importante dentro da sociedade, mas ainda vive a mercê de agressões, violações, manipulações e discriminações. Há mulheres desempenhando grandes funções em diversas áreas e escrevendo sua própria história, construindo possibilidades de trabalho, de lazer, de saúde na busca de vida com maior qualidade. A mulher ainda continua sendo mãe e esposa, mas também defende seu lugar neste mundo, defende seu lugar nos espaços públicos, na busca de realizações pessoais e profissionais.

Não se pode diminuir, menosprezar, a gravidade da violência que se pratica contra a mulher no interior dos lares e seus efeitos desastrosos e muito negativos, que atingem não só a dignidade da mulher agredida, como sujeito de direitos que é, mas também a formação dos seus filhos, bem como a formação de uma sociedade que prime pela igualdade.

---

<sup>11</sup> Palestra: **Reflexões Sobre o Serviço Social e o projeto Ético-Político** proferida em 10 de novembro de 2005, no Departamento de Serviço Social da Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Transcrição de Jussara Ayres Bourguignon, mar. 2006.

<sup>12</sup> CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. Brasília: CFESS, 1993



A violência doméstica, após movimentos de denúncias, principalmente por parte das feministas, deixou de ser um problema “familiar”, ou privado, para ser considerado um problema de saúde pública, muito grave, que gera preocupação dos administradores públicos e de toda a sociedade. Mas para sua superação não basta preocupação, deve haver políticas sociais que possam ir de encontro às reais necessidades das mulheres, mas acima de tudo se faz necessário romper com essa concepção da mulher como inferior, como fraca. As diferenças entre homens e mulheres é um fato salutar, pois se acredita no valor da diversidade, mas essas diferenças não podem ser transformadas em desigualdades. Faz-se necessária a desconstrução da desigualdade entre homens e mulheres.

### *Bibliografia*

- ARAUJO, M. F.; MATTIOLI, O. C. (Orgs.). **Gênero e violência**. São Paulo: EDUNESP, Arte e Ciência, 2004.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Tradução André Duarte. Rio de Janeiro: Relume/Dumará, 1994.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes: norma técnica**. 2. ed. atual. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. (Série C. Projetos, Programas e Relatórios).
- CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. **Código de Ética Profissional do Assistente Social**. Brasília: CFESS, 1993.
- COELHO, E. B. S; CALVO, C.; COELHO, C. C. **Saúde da mulher: um desafio em construção**. Florianópolis: UFSC, 2006.
- ENGELS, F. Teoria da violência. In: NETTO, J. P. (Org.). **Engels**. São Paulo: Ática, 1981. p. 164-188. (Grandes Cientistas Sociais, 17).
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- HARTMANN, H. The unhappy marriage of marxism and feminism: towards a more progressive union. **Capital e Class**. n.8, p. 1-33, 1979.
- IAMAMOTO, M. V. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social**. Ensaio crítico. São Paulo: Cortez/Celats, 1994.



- \_\_\_\_\_. **Serviço Social em tempo de capital fetiche** – capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2007.
- IANNI, O. **Capitalismo, violência e terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- MESZAROS, I. **Para além do capital**. Campinas: Boi Tempo, 2002.
- MINELLA, L. S. **Gênero e contracepção**: uma perspectiva sociológica. Florianópolis: UFSC, 2005.
- MURARO, R. M. **A mulher no terceiro milênio**. 8. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo classe social no Brasil. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- PRIORE, M. D. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, H. I. B.; VARGAS, M. **Mulher brasileira é assim**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- SCOTT J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade**, n. 16, 1990, p. 5-22.
- SOREL, G. **Reflexões sobre violência**. Tradução Orlando dos Reis. Petrópolis: Vozes, 1993.
- SILVA, J. F. S. O recrudescimento da violência nos espaços urbanos: desafios para o Serviço Social. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 27, n. 89, p. 130-154, mar. 2007.
- \_\_\_\_\_. Violência e Serviço Social: notas críticas. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 265-273, jul/dez. 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php> >. Acesso em: 5 set. 2009.